

SOBE

POR MOACYR SCLiar

Sérgio Amaral



“No plano do meu pai, ele conseguiria, sim, chegar a Brasília. Arranjaria um lugar para morar (...) e, mediante contatos, arranjaria o emprego de ascensorista. Onde? Meu pai não deixava por menos: no Palácio do Planalto.”

Meu pai tinha dois sonhos. Primeiro sonho: queria ser ascensorista. Segundo sonho: queria ter um cargo na administração de Brasília. Complicado? Complicado, sim. Mas sonhos têm o direito de ser complicados. Meu pai era um homem simples. Um peão de estância. Nós morávamos num rancho humilde, no alto de uma coxilha. Dali avistávamos o pampa, aquela ondulada imensidão que se estende pelo Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai. Nós acordávamos cedo. Meu pai preparava o chimarrão e ficava ali, olhando a paisagem e falando dos seus sonhos. Que eu, guri de dez anos, fazia força para entender. E era difícil de entender.

Em primeiro lugar aquela coisa de ser ascensorista. Meu pai nunca tinha andado de elevador. Aliás, nunca tinha visto um elevador. Nunca tinha visitado uma cidade grande. Às vezes íamos à cidadezinha próxima, mas lá não existiam prédios altos, nem elevadores. Por outro lado, meu pai se criara galopando no campo, como o fizera meu avô, e antes dele meu bisavô; o seu cenário era aquele, o descampado, o céu imenso sobre a cabeça. Por que, raios, haveria de querer trabalhar num elevador, cubículo fechado, abafado? Mas era, sim, o que ele queria fazer: trabalhar como ascensorista, fazendo o elevador subir e descer com um simples apertar de botões.

E aí vinha o segundo sonho. Ter um alto cargo em Brasília era um objetivo que meu pai certamente compartilhava com muita gente. Numa época, o sonho gaúcho fora o Rio de Janeiro: capital federal, praia, Copacabana, cassinos. Os homens de Getúlio Vargas amarrando os cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, aquilo se tornara uma espécie de cena primária para a gauchada. Depois, surgira Brasília. O centro do poder agora estava no planalto central, e para lá muitos gaúchos haviam se dirigido – entre eles o Doutor Paulo, filho do dono da estância, e deputado federal já no segundo mandato. Meu pai adorava o Doutor Paulo (que ainda chamava de Paulinho: os dois haviam se criado juntos), e sempre que o deputado vinha visitar a família, dava um jeito de lhe perguntar coisas sobre Brasília. Acabara assim sabendo muita coisa sobre a cidade. E concebera o projeto de se mudar para lá, levando a família. Projeto utópico, naturalmente, que levantava ainda uma segunda dúvida: de que maneira pretendia ele conciliar a função de ascensorista com o alto cargo com o qual sonhava? Para isto meu pai tinha uma resposta. Seria ascensorista apenas por um tempo, o tempo suficiente para matar a antiga vontade de operar um elevador. Depois, partiria para o segundo projeto: conseguir o cargo público. Chegou a falar com Paulinho sobre isso. O deputado riu: tu tá maluco, tchê, o teu lugar é aqui na estância, esquece essas bobagens.

Mas meu pai não esquecia. Mais do que isto, começou a formular um plano. Meu pai era um homem de muita imaginação. Todo gaúcho é – essa coisa de contar causos ajuda a gente a fabular – mas em matéria de devaneios ele ia longe. Ficando ali, tomando o chimarrão, o olhar perdido, maquinando coisas.

No plano do meu pai, ele conseguiria, sim, chegar a Brasília. Arranjaria um lugar para morar, no Acampamento Pacheco Fernandes, e, mediante contatos, arranjaria o emprego de ascensorista. Onde? Meu pai não deixava por menos: no Palácio do Planalto. Ali, vestindo, não bombachas, mas um elegante terno escuro, conduziria o mais importante passageiro do país: o Presidente da República.

E aí vinha o mais incrível, e engenhoso, desdobramento do plano. Conduzindo o Presidente, meu pai daria um jeito de trancar o elevador. Ali ficariam os dois, imobilizados no estreito compartimento. De início o Presidente estaria calmo, mas pouco a pouco sua aflição crescería e em algum momento ele diria: Pedro, pelo amor de Deus, tire-nos daqui, atendo a qualquer pedido seu se você fizer o elevador andar. Vou tentar, diria meu pai, e depois de alguns instantes de (fingido) esforço, poria o elevador em movimento. E, no dia seguinte, cobraria do Presidente a promessa. Que ele cumpriria, naturalmente. Meu pai se tornaria chefe de uma seção qualquer, com muitos funcionários à sua ordem, bela secretária, e um Opala preto à disposição. Mandaria buscar a família no Rio Grande e seríamos felizes para sempre. Morando no Lago Sul.

Qualquer outro se contentaria em devanear. Meu pai não. Era um cara resoluto, desses que não fogem às peleias da vida. Resolveu tomar providências para tornar o sonho realidade. E a primeira coisa para isso era aprender a conduzir um elevador. Isso não seria difícil: ele tinha um irmão, o Xiru, que saíra da estância há muitos anos para ser zelador de um prédio em Porto Alegre. Um prédio grande, com elevador. Meu pai mandou uma cartinha ao Xiru, perguntando se o mano lhe ensinaria a conduzir um elevador. Intrigado, Xiru disse que sim. E assim, num fim de semana, meu pai tomou o ônibus e foi para a capital.

Quando de lá voltou, era um homem diferente. Nunca mais falou em ser ascensorista, nunca mais mencionou o alto cargo em Brasília. E, a conselho de minha mãe, optamos por não lhe perguntar a respeito. Mas no enterro de papai, no ano passado, o Xiru contou-me o que acontecera. Chegado a Porto Alegre, papai fora diretamente ao prédio para que Xiru lhe mostrasse o elevador. Tão logo entraram, e tão logo as portas se fecharam, meu pai ficou pálido, com falta de ar, e pediu ao irmão que, pelo amor de Deus, lhe tirasse dali. Quando finalmente saiu do elevador deixara ali o seu sonho.

Mas eu tenho certeza de que, no céu, papai tem um alto cargo, comandando dezenas de anjos. Mais: tenho a certeza de que subiu às alturas celestiais de elevador. O Presidente da República não ia junto, mas meu pai estava feliz. Ir para o céu é quase tão bom quanto ir para Brasília.

Moacyr Scliar